

ARTIGOS

De gabinetes e barricadas: o que Marx e Engels têm a nos ensinar ainda hoje sobre metodologia da História

Alex Rolim Machado¹

Quando Ronald Raminelli publicou o livro “*Nobrezas do Novo Mundo: Brasil e ultramar hispânico, séculos XVII e XVIII*”, seu prefaciador, Ronaldo Vainfas, deu uma declaração deveras interessante. No que concernia o conceito de “Classes”, estabeleceu o sociólogo Max Weber como “*com maior erudição histórica que Marx ou Engels, além de mais atenção às particularidades históricas*”². Deixemos a questão Marx vs Weber um pouco de lado, e atentemos que esse pensamento – como problemática inicial e mote do presente texto – não é de todo circunscrito a alguns intelectuais e está atualmente disseminado nos círculos acadêmicos.

Almeja-se, aqui, expor um pequeno ensaio cujo problema é o *continuum* crítico ao pensamento “marxista” que ainda hoje se pratica. A questão não deixa de ser séria: estamos no século XXI, cheios de arrogância e prepotência no que concernem os conhecimentos sobre teoria e metodologia da história. Rechaçam-se em demasia historiadores e filósofos do século XIX³. Em cada universidade encontra-se um grupo de intelectuais que se autodenominam “novos” ou pretendentes a dinamitar o que também foi escrito no século XX, julgando-os ultrapassados ou já necessários de revisão (que também se tornou um título de nobreza para uns e ojeriza para outros: “revisionista”)⁴. O paradoxo ocorre de forma cômica: somos bons demais para os homens do século XIX, mas estamos ainda extremamente ligados a eles quando o assunto é a crítica ao marxismo. As atuais apreciações rasas, baseadas em informações de terceiros, e, portanto, dificilmente lendo Marx e Engels *per se*, são de uma pobreza absurda e cada vez mais ganha massa nos “debates acadêmicos”.

Utilizar-se-á como fonte de problematização o “livro” editado por Michael Lowy e publicado em 2013, denominado “*Luta de Classes na Rússia*”, que tem como tema a reunião de alguns textos cujo assunto central era a política proletária-burguesa

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Alagoas, Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco.

² VAINFAS, Ronaldo. “Prefácio”. In: RAMINELLI, Ronald. *Nobrezas do Novo Mundo: Brasil e ultramar hispânico, séculos XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p. 9.

³ Uma exceção pode ser feita a Jurandir Malerba e José d’Assunção Barros, que dão especial olhar a esses autores. MALERBA, Jurandir (org.). *Lições de história: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. – Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013. BARROS, José D’Assunção. *Teoria da história*. 5 volumes. Petrópolis: Vozes, 2014.

⁴ A ideia do “novo” nasceu na Escola dos Annales, que se autodenominou “a Nova História”. A recepção no Brasil foi intensa, variando da obsessão idolátrica à crítica racional. CARDOSO, Ciro. VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. Uma crítica francesa é a de DOSSE, François. *A história em migalhas: dos “Annales” à “Nova História”*. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

vs a do Antigo Regime na Rússia, escritos entre 1875 e 1894⁵. O primeiro, “Literatura de Refugiados V” é uma tréplica de Engels a Piotr Nikititch Tkatchov acerca de um artigo escrito pelo primeiro em um jornal e que foi rebatido pelo russo; o segundo, “Carta à redação da *Otechestvenye Zapiski*” de Karl Marx, é uma resposta em um jornal russo, onde o argumento seria sobre as possibilidades de uma revolução socialista na Rússia e a defesa de Marx de sua linha de raciocínio – presente n’*O Capital* – que estava sendo equivocadamente analisada (em uma maneira bem parecida à praticada nos dias de hoje); o terceiro seria uma troca de correspondências entre Karl Marx e a revolucionária russa Vera Ivanovna Zasulitch. Essa, enviando uma carta àquele, escrevia acerca da revolução, de suas interpretações d’*O Capital* e pedia esclarecimentos – e alguns nortes – sobre política e o que a Rússia deveria fazer ou esperar. A resposta nunca foi entregue a sua destinatária e seus variados esboços demonstram a qualidade e obsessão de Marx de não fechar os textos sem antes colocar devidamente os “pingos nos is”; O quarto texto é o prefácio de Marx e Engels para a edição russa do Manifesto do Partido Comunista; O quinto e último é um posfácio de Engels aos seus escritos de 1877, “Posfácio [a “*Questões sociais da Rússia*”], 1894” (Engels pegou suas cartas do primeiro texto “Literatura de Refugiados”, adicionou um prefácio e transformou em uma brochura), escritos em 1894 e defendendo ainda suas ideias e de seu amigo falecido⁶.

Para dar corpo ao argumento citado *supra*, propus uma espécie de resenha crítica extensa do “livro” de Marx e Engels. O presente trabalho girará em torno de evidenciar os momentos em que os revolucionários embasavam seus escritos, opiniões e críticas em cima de pesquisa histórica, perpassando a bibliografia, fontes de diversos tipos e convivência pessoal; somando com a aplicação de metodologias que iriam da análise das especificidades dos lugares, em ação dialética comparativo-conectada com uma história “europeia”⁷.

Essa faceta dos dois pensadores revolucionários alemães é normalmente negligenciada: a erudição acerca das particularidades históricas em seus artigos. Problematicar, pesquisar, compreender, analisar, explicar e criticar (para voltar a problematizar) eram atos intrínsecos às ações políticas da dupla⁸. O intuito dessa

⁵ Enquanto esse artigo estava sendo apreciado pelos pareceristas, foi-se publicado pela Editora Boitempo o livro MARX, Karl. *Últimos escritos econômicos*: anotações de 1879-1882. – São Paulo: Boitempo, 2020. Na Seção II, há o seguinte texto de Marx: “Notas sobre a reforma de 1861 e o que daí se desdobrou na Rússia”, e uma “Nota introdutória” de Hyury Pinheiro. Decidiu-se não aglutinar as novas anotações que fiz a esse artigo que agora se publica, com vista a não acrescentar informações cujos pareceristas não tiveram oportunidade de apreciar. De imediato, salienta-se que o texto de Hyury Pinheiro traz informações e perspectivas que acrescentam o que se propôs nesse artigo, ajudando o leitor a expandir consideravelmente a inserção de Marx à análise histórica da Rússia tsarista e da crítica da Economia Política do Capitalismo.

⁶ MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Luta de Classes na Rússia*. Organização de Michael Löwy. São Paulo: Boitempo, 2013.

⁷ MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. MARX, Karl. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. PAULO NETTO, José. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão popular, 2011.

⁸ Interessante conferir PINHEIRO, Hyury. “Nota introdutória”. In: MARX, op. cit., 2020, pp. 85-96.

resenha crítica é necessariamente estabelecer esse ponto: as ações e lições de Marx e Engels como historiadores.

Fundamentação dos assuntos

No manuscrito de Marx e Engels que posteriormente se tornou o livro “*A ideologia alemã*”, a seguinte frase aparece riscada: “*Nós conhecemos uma única ciência, a ciência da história*”⁹. Ora, o que os amigos quiseram dizer com isso é que, para se entender um assunto – qualquer assunto – é-necessária a pesquisa, a análise e a problemática histórica. Esse ponto de partida, escrito em 1844, guiará ambos os autores até o fim de suas vidas, na década de 80 e 90 do século XIX. Recortando para a “*Luta de Classes na Rússia*”, têm-se três ambientes em que os pensadores alemães bebiam o conhecimento: os livros, as fontes coevas e os testemunhos orais adquiridos pelo cotidiano de luta.

Ler é um ato básico. Esse aprendizado adviria desde a época em que ambos eram estudantes, que pode ter tomado força com suas formações hegeliana e seus costumes de criticar escritos de outros filósofos. Mas o que diferenciaria Marx e Engels de outros “leitores”? A resposta já foi escrita acima: a crítica. Não apenas a partir de sua filosofia da história (materialismo histórico) ou problemática-chave (a luta de classes), mas especialmente do embate com outras fontes e o estabelecimento do próprio livro dentro de um contexto histórico-social¹⁰.

Essa última ação aparece quando ambos, em momentos diferentes, estabelecem seus comentários contra os russos liberais que os criticavam. O tema mais focado era a propriedade comunal, e pode-se arriscar que os autores mais lidos eram August von Haxthausen, “*um conselheiro do governo prussiano*”¹¹, e Maxim Kowalewski, “*historiador e sociólogo russo [que] encontrou-se frequentemente com Marx e Engels [em Londres] (depois, ambos, examinariam em detalhes seu trabalho sobre as terras comunais na Rússia)*”¹². Marx situava como método de estudo a importância dos livros de autores “locais” (i. é, russos), fossem eles burgueses ou revolucionários, em conjunção com outros (i. é, de outras nacionalidades)¹³. Para auxiliar o leitor, os redatores das notas da MEGA2¹⁴ fazem um “pente fino” dos livros que Marx e Engels leram, como da própria existência de exemplares na biblioteca particular de Marx¹⁵. O historiador britânico Perry Anderson é enfático ao escrever que, no que concerniam às cartas, “*a correspondência tanto de um como de outro [Marx e Engels] facilmente abrangeu de Moscou a Chicago, de Nápoles a Oslo*”¹⁶.

⁹ MARX. ENGELS, op. cit., 2007, p. 39.

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

¹¹ MARX. ENGEL, op. cit., 2013, pp. 47 e 65.

¹² HEINRICH, Michael. *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra*, volume I: 1818-1841. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 107.

¹³ Idem, p. 65, 91.

¹⁴ Abreviação para Marx-Engels-Gesamtausgabe.

¹⁵ MARX. ENGELS, 2013, p. 27, 39 (nota), 44 (nota), 66 (nota).

¹⁶ ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental: Nas trilhas do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 27.

As fontes coevas foram um tipo de material mais difícil de apanhar nos escritos de Marx e Engels, e o motivo é simples: ambos não eram historiadores de gabinete e nem universitários dos séculos XX-XXI. Ou seja, seus dados brutos são citados esporadicamente e não obedecem às tipologias dadas nos dias atuais. Cabe ao leitor, nos detalhes dos escritos, ir decifrando os caminhos das análises e conclusões. É nos pequenos vestígios de referência de informação que se dá para perceber o tipo de olhar pesquisador que os amigos alemães tinham¹⁷. Da mesma feita, tanto um livro como uma conversa era, para ambos, uma fonte para ser analisada, citada ou refutada. Entretanto, para não causar um curto-circuito nos puristas, as fontes “coevas” aqui aludidas eram as escritas: jornais, dados estatísticos, relatórios, comissões, etc.

Como se dava a leitura de Engels e Marx? Parte da resposta foi oferecida pelo segundo, em 1877: “*Para poder julgar com conhecimento de causa o desenvolvimento econômico da Rússia contemporânea, aprendi a língua russa e depois estudei durante longos anos as publicações oficiais referentes a esse tema, entre outras*”¹⁸. Engels também demonstrava domínio na língua quando vai corrigir Tkatchov acerca do duplo significado em russo da palavra “mir” e a importância de entender seu uso pelos camponeses, e não apenas pelos burgueses liberais:

Na língua russa, a mesma palavra ‘mir’ significa, por um lado, ‘o mundo’ e, por outro, a ‘comuna camponesa’. Para o camponês, ‘ves’ mir’, ‘o mundo todo’, significa a assembleia dos membros da comuna. Portanto, quando o senhor Tkatchov fala da ‘visão de mundo’ dos camponeses russos, é evidente que ele traduziu equivocadamente o ‘mir’ russo. Esse isolamento completo das comunidades individuais umas das outras, que pode até criar interesses iguais em todo o país, os quais, no entanto, constituem o exato oposto de interesses comuns, é o fundamento natural-spontâneo do *despotismo oriental*¹⁹.

Crê-se que tal método de pesquisa e problematização eram complementados pela oralidade. Ler é completamente diferente de ouvir e falar, e, ter contatos sobre a cultura russa a partir de terceiros é igualmente díspar de ouvir de um próprio russo. Ao contrário do que alguns pesquisadores do século XX querem que acreditemos (que Marx e Engels viviam enfiados em seus gabinetes idealistas e isolados do mundo), os revolucionários alemães conversavam e mantinham contatos pessoais (e não apenas cartas) com russos exilados. Se seus conhecimentos históricos adivinham de leituras diversas, suas concepções da contemporaneidade eram frutos das análises das “fontes coevas” e das socializações com os homens e mulheres que vivenciaram as especificidades históricas da Rússia naqueles anos²⁰.

Nesse sentido, Marx e Engels eram homens alinhados com os métodos científicos do século XIX. A filologia, e a lexicografia, davam suporte para a análise

¹⁷ Para decifrar esse olhar de Marx e Engels, imprescindível a leitura de GINZBURG, Carlo. “Sobre Aristóteles e a História, mais uma vez”. In: GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹⁸ MARX, ENGELS, op. cit., 2013, p. 66.

¹⁹ Idem, p. 51.

²⁰ Idem, p. 104.

de uma cultura a partir do estudo de sua língua e suas mudanças na história²¹. Contudo, ambos os filósofos davam um passo adiante ao materializar o que hoje é norma nas ciências humanas: o cuidado com o juízo de valor e anacronismo, isto é, evitar analisar um aspecto social diferente de sua realidade – no tempo e espaço –, a partir de sua experiência pessoal, que é distinta da posta em problematização.

E aqui vale a pena abrir um parêntesis. O intelectual Gramsci chegou a uma conclusão parecida em relação ao “mir” russo: “*instituição de caráter fazendário e [que] servia à economia e às finanças do Estado em sentido estrito, sendo apenas pouco, ou mesmo não sendo de modo algum, instituição social*”²². Seu conhecimento pode ter advindo de dois lados: estudos acerca da situação da Rússia (já pós-revolucionária) e o aprendizado a partir de sua esposa, de origem russa; o método era igualmente o de Engels: análise da linguística, tema caro ao filósofo italiano.

Essa tríade bibliografia-fontes-depoimentos orais não é nada revolucionária. Ao contrário, é encontrada desde Heródoto e Tucídides, passando pelos antiquários e metódicos do século XIX²³. Expor esses pontos serve para duas posições: 1) que Marx e Engels não pegavam sua “filosofia da história” e aplicavam a torto e a direito em tudo que viam, criando axiomas e verdades absolutas, sem ao menos se darem ao trabalho de leitura e pesquisa; e 2) a originalidade das suas análises não foi pelas fontes, mas pela maneira como as trabalharam.

Os caminhos de trabalho das informações

O primeiro método seria o comum da cronologia dita “linear”. Ou seja, a progressão temporal e social de um povo, ou comunidade, ou estado-nação (Gregos, Império Romano, Tártaros, França, Prússia, Rússia, Inglaterra, etc.). Dito normalmente como “etapas históricas” (Antiguidade, Idade Média, época Moderna, “contemporaneidade”). Esse caminho de análise é imprescindível para outros que Engels e Marx utilizavam em excesso em seus trabalhos: a comparação entre histórias específicas – diferenciadas no tempo e espaço – e a conexão entre histórias em um determinado tempo histórico²⁴.

Entender a Rússia, para ambos, só era possível dentro do conhecimento profundo de sua particularidade e de sua comparação com outras. Em relação à primeira, já foi dito que as principais fontes eram bibliografia, dados estatísticos e conversas particulares. Mas isso não dava a eles total controle ou “erudição” acerca

²¹ Sem citar algum autor em específico, convido o leitor a dar uma olhada rápida sobre a bibliografia geral usada pelos autores da coletânea LÉVÊQUE, Pierre (dir.). *As primeiras civilizações*: da idade da pedra aos povos semitas. Lisboa: Edições 70, 2018. Apesar de o livro ser originalmente de 1987, vê-se uma gama imensa de obras do século XIX utilizadas para compor os estudos. O caso mais emblemático (do uso da linguística) é o dos estudos dos Indo-europeus; e seus maiores nomes continuam ainda sendo os de Georges Dumézil e Emile Benveniste.

²² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 92.

²³ MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

²⁴ Posição encontrada desde *A Ideologia Alemã*. Para uma ótima aplicação dessa ideia de *Elos linear* e *Elos lateral*, em um ponto de vista marxista, v. THOMPSON, Edward. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros*: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, pp. 38-39. Itálicos do autor.

de uma “História da Rússia”. Ao contrário, o próprio Marx demonstrava um conhecimento básico, apesar de considera-lo o suficiente para traçar suas hipóteses e análises. Quando respondeu a Vera Zasulich, em 1881, a todo o momento invocava o entendimento das especificidades locais e que as conclusões que traçou para a Inglaterra e Europa Ocidental (em sua obra, **O Capital**), não eram passíveis de serem transpostas, *ipsis literis*, à Rússia czarista. Por conta disso, aplicava seu método (que seus críticos adoram vulgarizar) de empregar uma história comparada entre a Rússia (no tema da propriedade comunal) e a Europa Ocidental – inclusive as Índias Orientais – para poder compreender os fundamentos do tema discutido e, dali, fazer a volta dialética para o que seria uma “propriedade comunal russa” e, a partir daquela nova síntese, dedicar-se à história total que seria a inserção da Rússia dentro do sistema capitalista europeu. Ao final, voltava mais uma vez de seu percurso dialético para compreender com mais concretude a propriedade comunal russa já imbuída de práticas capitalistas²⁵.

Vale ressaltar que nas comparações de Marx, não apenas a economia e as relações de trabalho eram o que o interessava. Também eram levadas em conta as afinidades culturais. Ao diferenciar as “comunais rurais”, ditas “arcaicas” (germânica da época de Júlio César, na “Ásia entre os afegãos etc”), das “comunais agrícolas” (a Rússia do XIX), Marx encarava que as primeiras eram fundamentadas sobre os “clãs e as tribos”, onde prevaleciam as “*relações de consanguinidade entre seus membros. Não se entra nela a menos que se seja parente ou adotado*”; enquanto que na comuna agrícola “*foi o primeiro agrupamento social de homens livres, não estreitado por laços de sangue*”²⁶. Não escrever sobre relações culturais não significava não ter conhecimento ou não levar em consideração na hora da redação. Em suma, Marx não se sentia obrigado a dissertar várias páginas sobre os possíveis rituais, gestos e palavras proferidas quando um homem entregava a terra a seu filho – prática essa que já estava em uso nos círculos eruditos da Inglaterra e Europa do século XIX: o folclore (*folklore*)²⁷.

O mesmo vale para Engels que, em seu posfácio [às “Questões sociais da Rússia”], escrito em 1894, ainda debatia sobre as especificidades da história da Rússia e de sua sociedade no movimento socialista e revolucionário. O enterevo continuava em relação aos escritos de Herzen, passados por Tkatchov e que chegaram a Tchernichevski. O assunto ainda era a peculiaridade da comuna rural russa como principal meio para “um novo estágio de desenvolvimento”. Para os revolucionários russos, uma vez que a Rússia ainda apresentava relações sociais e meios econômicos que a Europa Ocidental não tinha mais como resgatar (por causa do capitalismo e da cultura burguesa), o que deveria ser feito era aplicar a maquinaria e as evoluções tecnológicas do capitalismo na comunidade rural russa e *voilà*, estar-se-ia completado “o novo estágio de desenvolvimento”.

²⁵ Método esse de forte base hegeliana, já conhecido pelo título de “Introdução [ao método da Economia Política]”, presente em várias obras, como MARX, op. cit., 2011.

²⁶ MARX, ENGELS, op. cit., 2013, p. 108-109.

²⁷ BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. THOMPSON, Edward Palmer. “Introdução: costume e cultura”. In: THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. THOMPSON, Edward Palmer. “Folclore, antropologia e história social”. In: THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, Editora da Unicamp, 2012.

Esse tipo de pensamento ainda é comum até os dias atuais (inclusive dentro do próprio espectro político da esquerda), e Engels já se posicionava contra. Sua dissertação não era meramente política, mas estava baseada em alicerces históricos e uma filosofia da história que prezasse pelas relações culturais. Em que sentido? Que não era possível que uma comunidade rural russa, com suas tradições próprias, fosse o guia da destruição do capitalismo e das atitudes burguesas europeias ocidentais (Inglaterra, França e Alemanha): *“cada formação econômica dada tem seus próprios problemas decorrentes de si própria a resolver; querer resolver os de uma outra formação totalmente estranha a ela seria um contrassenso absoluto”*. Uma conclusão de Engels era que a reconfiguração da comuna russa partiria *“única e exclusivamente dos proletários industriais do Ocidente. A vitória do proletariado europeu ocidental contra a burguesia”*²⁸.

Isso parece um tanto quanto eurocêntrico e “etapista”. Contudo, se analisarmos pelo prisma da história e da cultura como processo social, o que Engels quis dizer era que se o “socialismo” vem do sistema capitalista, da propriedade privada e dos conflitos de classe, não teria como a propriedade comunal russa – e os costumes do camponês – pensar em socialismo tal como era pensado pelos proletários europeus ocidentais²⁹. Explicando mais simples ainda: Engels não quer que a Rússia primeiro se torne capitalista para depois pensar em comunismo, mas que um comunismo na Rússia depende da derrota do capitalismo europeu. Engels, como Marx, não desejava que os russos sofressem os horrores do capitalismo para depois pensar em libertação, mas que os camponeses – atuando como vanguarda – entrariam na luta contra o capitalismo, ao lado do proletário europeu³⁰. Engels, em uma carta endereçada a Conrad Schmidt, em 5 de agosto de 1890, já esclarecia que a vulgarização do estudo da sociedade como produto da economia era característica de “hegelianos”, enquanto que ele e Marx olhavam para a História de maneira “total”:

A palavra *materialista* serve, geralmente, a muitos dos jovens escritores alemães como simples qualificativo com que se rotula, sem qualquer análise, todo tipo de coisa – pregam-lhe esta etiqueta e dão por resolvida a questão. Mas a nossa concepção da história é, sobretudo, um guia para o estudo – não uma alavanca para construções à maneira dos hegelianos. É necessário voltar a estudar toda a história, devem examinar-se em todos os detalhes as condições de existência das diversas formações sociais antes de procurar deduzir delas as ideias políticas, jurídicas, estéticas, filosóficas, religiosas etc. que lhes correspondem. Quanto a isto, quase nada se fez até agora, porque poucas pessoas se dedicaram seriamente ao estudo. Este domínio, no qual podemos contar com enorme documentação auxiliar, é

²⁸ MARX. ENGELS, op. cit., 2013, pp. 132-133.

²⁹ Em um episódio da série televisiva inglesa, *Peaky Blinders* (que conta a história de uma família de ciganos, já sedentarizados em Birmingham de 1920, atuando no crime organizado), o personagem principal, e “chefe” da organização, oferece um jantar a uma comunista inglesa. Thomas Shelby, que já tinha sido comunista, traça uma linha de raciocínio sobre leitura de conjuntura e decisão a se tomar. Para o caso do socialismo, não encontra chances de vitória na Inglaterra. A convidada pergunta se a Rússia não poderia ser um parâmetro, um ideal a ser seguido. Thomas, então, dá um gole em seu *Gim*, e arremata: *“No. Russians aren’t like the English with beer. They’re petrol”*. A tradução pela própria plataforma de *streaming* Netflix ficou como: “Não. Russos não são como ingleses. Somos cerveja, eles são petróleo”.

³⁰ MARX. ENGELS, op. cit., 2013, p. 134.

muito vasto e quem quiser trabalhar com seriedade tem muito o que fazer e haverá de destacar-se. Mas, em vez disso, muitos jovens alemães se limitam a empregar a frase materialismo histórico (pois tudo pode reduzir-se a frase) para reunir num sistema definido e o mais rapidamente possível os seus escassos conhecimentos históricos (porque a história econômica ainda está nos seus cueiros!) e, em seguida, maravilhar-se com a sua proeza e considerar-se extraordinários. E é por isto que pode aparecer um Barth e atacar o que foi realmente reduzido em seu meio a uma simples fraseologia³¹.

Não era a cultura dos camponeses russos em suas comunas rurais que iria destruir o capitalismo na Inglaterra, assim como não era a cultura do proletariado revolucionário europeu que deveria suplantiar os costumes russos, mas que, era esse proletário quem detinha a singularidade de ter formulado as bases “teóricas” da revolução comunista em aspectos econômicos³².

Isso foi o que acabou acontecendo entre 1882 e 1894, quando a chegada de um capitalismo industrial, a inserção de máquinas, a construção de redes ferroviárias e a Guerra da Criméia atacou não somente as relações econômicas das comunas rurais russas, mas também (isso está implícito no texto) seus costumes (a entrada da exploração burguesa, dos ricos, detentores dos meios de produção e de alianças com camadas poderosas, inclusive no Estado contra a camada campestre pobre)³³. Em suma, a necessidade da indústria estava sendo – pouco a pouco – suprida, mas não era acompanhada de uma consciência revolucionária. Não era a terra e seu regime comunal que garantiria o socialismo, mas a consciência socialista. Os costumes dos camponeses russos não foram páreos contra a coerção do Estado e nem contra as concepções burguesas de individualismo e propriedade privada. Como perspicazmente atentou Lênin em 1919: “quando derrubamos as instituições capitalistas, revelou-se que havia, ainda, uma força agarrada ao capitalismo: a força dos costumes”.³⁴

E aqui vale uma digressão. Se essas posições não podem ser consideradas “erudição” histórica para entender os processos de “luta de classes” e “formação de classe”, tendo em vista horizontes como a comparação, as relações culturais (mesmo que não citadas) em torno de uma história total, fundamentadora e fundamentada em cima da “História” de um país e seu povo, fica difícil estabelecer então, hoje, para os

³¹ MARX, ENGELS, op. cit., 2010, p. 107, De acordo com a nota 56, página 315, acerca da referência a Barth, os editores do livro colocaram a seguinte explicação: “Referência [de Engels] à crítica burguesa vulgar ao marxismo contida no livro de Paul Barth, *Die Philosophie der Geschichte und der Hegelianer bis auf Marx und Hartmann* [A filosofia da história de Hegel e dos hegelianos até Marx e Hartmann], Leipzig, 1890”.

³² MARX, ENGELS, op. cit., 2013, p. 130.

³³ Idem, 2013, p. 135; HOBBSBAWM, Eric. *A era do Capital*, 1848-1875. São Paulo: Paz e Terra, 2012, pp. 252-259. HILL, Christopher (org.). *History and Culture 2*. The Mitchell Beazley Joy of Knowledge Library. London: Balding + Mansell, 1977, pp. 168-169. SKOCPOL, Theda. *Estados e revoluções sociais: análise comparativa da França, Rússia e China*. – Lisboa: Editorial Presença, 1985, pp. 93 e ss.

³⁴ v. LENIN, Vladimir. “Como enganar o povo com as palavras de ordem da liberdade e da igualdade [1919]. In: LÊNIN, Vladimir. *Democracia e luta de classes: textos escolhidos*. São Paulo: Boitempo, 2019, pp. 50 e ss (citação p. 51).

padrões de certos historiadores encastelados acadêmicos do Brasil, o que é “erudição”.

Voltando aos métodos de estudos das especificidades históricas, da inserção dentro de uma história “total”, da comparação e do novo entendimento das especificidades, Engels faz o mesmo para compreender o Artel russo, cotejando-o com práticas parecidas encontradas nos “quirguizes, iacutos”, “*assim como entre os lapões, samoiedas e outros povos finlandeses*”³⁵. Seu caminho dialético foi parar no *truck system* britânico e, inserindo em uma história total do capitalismo europeu, observou o quanto o Artel russo estava se transmutando (com suas especificidades) com a inserção de estratégias utilizadas pelos burgueses no *truck system*. Como Marx bem salientou: “*A Rússia não vive isolada do mundo moderno*”³⁶. E a compreensão só poderia ser dada a partir da junção de crítica de fonte, leitura bibliográfica e métodos de estudos: “*Quando se estuda cada uma dessas evoluções à parte, comparando-as em seguida, pode-se encontrar facilmente a chave desse fenômeno [a acumulação primitiva de capital]*”³⁷.

É impossível ler essas apreciações e não levar em consideração o que foi escrito posteriormente sobre a história comparada (tema muito caro aos elogiadores de Max Weber) e conectada, onde a soma e conflito de circunscrições explicaria um campo maior que deveria retornar de maneira dialética ao espaço micro, enriquecendo-o³⁸. Cabe a ressalva de que Marx e Engels não foram os inventores da História Comparada, mas é latente o seu uso pela dupla de filósofos alemães.

E volta-se à problematização do “perfil” que se faz sobre Marx e Engels. O que é normalmente atribuído à dupla pode ser considerado tanto atitude de burguês liberal (a simplificação da erudição) quanto de “exegesisistas” do marxismo (a pureza da leitura de Marx e Engels). Herança essa que se sente até os dias atuais. Em 1881 Vera escreveu que:

As pessoas que apregoam isso se dizem vossos discípulos por excelência: “marxistas”. Seu argumento mais forte muitas vezes é: “Foi Marx quem disse isso”. Quando se objeta: ‘Mas como vós deduzis isso de seu O Capital? Ele não trata da questão agrária e nunca fala da Rússia’, eles replicam, de um modo talvez um tanto temerário: “Ele o teria dito se tivesse falado do vosso país”.³⁹

Marx, então, “responde”: “*Os ‘marxistas’ russos de que falais me são desconhecidos. Os russos com os quais tenho relações pessoais, ao que eu saiba, têm pontos de vista totalmente opostos*”⁴⁰. E o que continua sendo práticas da escrita da história do século XX pós-marxismo-stalinista na verdade não deixam de serem reformulações a partir daquilo que o próprio Marx e Engels já faziam desde a década

³⁵ MARX, ENGELS, op. cit., 2013, p. 44, 46.

³⁶ Idem, p. 90.

³⁷ Idem, p. 69.

³⁸ CARDOSO, Ciro. BRIGNOLI, Héctor. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 6ª ed. 2002, pp. 409-419. GINZBURG, Carlo. “O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico”. In: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991. BOUCHERON, Patrick. *Por uma história-mundo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

³⁹ MARX, ENGELS, op. cit., 2013, p. 79.

⁴⁰ Idem, p. 104.

de 40 do século XIX. No segundo esboço da resposta à Vera Zasulich, Marx colocou por outros termos: “*Deixando de lado toda a questão mais ou menos teórica, só o que tenho a vos dizer é que hoje a própria existência da comuna russa é ameaçada por uma conspiração de interesses poderosos*”⁴¹.

Ora, aqui o próprio Marx escreve que suas “conclusões” são “mais ou menos teóricas”. A contradição do pensador é explícita? Só se o leitor já tiver em mente toda a carga pejorativa que a palavra “teoria” carrega. Olhando por outro prisma, o “teórico” de Marx tem uma colocação mais de “especulação” do que de “abstração”. A segunda opção remeteria ao ato de “*separar mentalmente para tomar em consideração (uma propriedade que não pode ter existência fora do todo concreto ou intuitivo em que aparece)*”⁴². A primeira posição é a de “*Examinar com atenção; averiguar minuciosamente; observar; indagar; pesquisar. (...) Meditar, raciocinar, refletir, considerar*”⁴³.

Fazendo uma leitura de Hegel, o filósofo Slavoj Žižek traça um comentário pertinente sobre a questão da abstração e da especulação:

Podemos dizer o mesmo a respeito da noção propriamente dialética de abstração: o que torna infinita a “universalidade concreta” de Hegel é o fato de incluir “*abstrações*” na realidade concreta como seus constituintes imanes. Dito de outra forma: qual é, para Hegel, o movimento elementar da filosofia com respeito à abstração? É abandonar a ideia empirista baseada no senso comum que considera a abstração um distanciamento da riqueza da realidade empírica concreta com sua multiplicidade irreduzível de aspectos: a vida é verde, os conceitos são cinza, eles dissecam e mortificam a realidade concreta. (Essa ideia inspirada no senso comum tem até uma versão pseudodialética, segundo a qual essa “abstração” é uma característica do mero Entendimento, ao passo que a “dialética” recupera o rico mosaico da realidade.) O pensamento filosófico propriamente dito começa quando nos tornamos cientes de quão *inerente à própria realidade é esse processo de “abstração”*: a tensão entre realidade empírica e suas determinações conceituais “abstratas” é imanente à realidade, é um traço das “Coisas em si”. Aí se encontra a característica antinominalista do pensamento filosófico – por exemplo, a ideia basilar da “crítica da economia política” de Marx é que a abstração do valor de uma mercadoria é seu constituinte “objetivo”. É a vida sem teoria que é cinza, realidade estúpida e rasa; somente a teoria a torna “verde”, realmente viva, trazendo à tona a complexa rede subjacente de mediações e tensões responsáveis por seu movimento⁴⁴.

Em suma, o “teórico” de Marx é a união da especulação com a abstração, só que o filósofo alemão tinha um raciocínio histórico mais aflorado. Ou seja, a teoria

⁴¹ Idem, p. 107.

⁴² “Verbete abstrair”. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*: básico. Editora Nova Fronteira, 1988.

⁴³ “Verbete especular”. In: Idem.

⁴⁴ ŽIŽEK, Slavoj. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 245 (interessante, para isso, conferir todo o tópico formulado por Žižek, pp. 244 e ss.).

tinha a ver com as informações históricas “russas” e postas em comparação com a Europa Ocidental. Ou seja, é mais “teórico” no sentido de um “problema”, um norte de análise. Sua “teoria” se baseava em sua visão de mundo (luta de classes, trabalho, produção material, modo de produção capitalista, etc.), embasada em estudos e análises históricas e sociológicas⁴⁵. Marx não isolava a Rússia do resto da história do mundo; ao contrário, inseria-a nela, e imaginava um futuro possível, e não uma utopia. Não se deve ignorar também a atitude de Marx admitir sua própria ignorância sobre a história da Rússia, que é o princípio basilar da humildade intelectual.

A comparação para exposição de um problema de análise histórico que é, ao mesmo tempo, político, aparece no prefácio da edição Russa do Manifesto Comunista, escrito por Marx e Engels em 1882. Após expor a evolução da propriedade rural americana (e não a europeia ocidental!), ambos os revolucionários se perguntavam da Rússia: *“poderia a obchtchina russa (...) transformar-se diretamente na propriedade comunista? Ou, ao contrário, deveria antes passar pelo mesmo processo de dissolução que constitui a evolução histórica do Ocidente?”*. E continuam, que a *“única resposta possível é a seguinte”*: se a revolução russa se tornasse uma espécie de pretexto para a *“revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemento a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista”*⁴⁶.

A Rússia como vanguarda (e não mais a Inglaterra). A propriedade comunal russa posta como um problema histórico (para os revolucionários). E a complementaridade entre operários das fábricas da Europa ocidental e os camponeses russos (sem subordinações, apesar dos camponeses agora aparecerem como vanguarda). É incrível como sete simples parágrafos (o prefácio ao **Manifesto**) desviam o centro gravitacional de uma história europeia e de seu proletariado, para lançar que o entendimento de uma sociedade capitalista só é possível a partir de um início-problema, posta em comparação com outros, provenientes de forte carga de pesquisa empírica de especificidades, assentadas em comparações e respeitando suas particularidades (sociais, culturais, religiosas e econômicas). Nesse quesito, é impossível não lembrar de Walter Benjamin e sua crítica à ideia de progresso na filosofia da história, bem como na própria atuação do “homem” perante seus problemas no século XIX e início do XX⁴⁷. Isto é, a superação do capitalismo não iria ser dado pela sociedade-país que se encontraria em sua forma mais bem acabada (a Inglaterra, mas também Prússia e França, locais caros a Marx e Engels), e sim que, dentro um âmbito de intercâmbio e de história conectada, vários pontos de partida são possíveis para se operar mudanças bruscas nos esquemas socioeconômicos do mundo capitalista.

⁴⁵ MARX. ENGELS, op. cit., 2007, p. 39; BARROS. 2014, vol. 3.

⁴⁶ MARX. ENGELS, op. cit., 2013, pp. 124-125; MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura*: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010, pp. 72-73.

⁴⁷ BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da História”. In: BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Organização e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, pp. 9-20.

Algumas considerações

Apesar de clichê, é necessário dizer que nem tudo que Engels e Marx escreveram pode ser considerado profético, dogmático ou que tivessem conhecimento absoluto e que fossem incapazes de errar em avaliações. De acordo com Perry Anderson, “no máximo, [Marx] transmitiu uns poucos prognósticos crípticos na década de 1840 e princípios lacônicos na de 1870 (‘ditadura do proletariado), além de suas famosas análises conjunturais do Segundo Império”⁴⁸. José Paulo Netto, por sua vez, escreveu que algumas desses “prognósticos” foram acertados com louvor⁴⁹. Contudo, aquela colocação que é normalmente atribuída a Marx e Engels (“teleológicos”) cai por terra com uma avaliação atenta dos escritos de ambos, como por estudos contextuais de suas vidas pessoais (e políticas), escritas por terceiros⁵⁰. No “Posfácio [a ‘Questões sociais da Rússia’]”, de 1894, Engels escrevia a importância da derrubada do czarismo na Rússia, para que “a grande massa dessa nação, os camponeses”, saíssem de seu “isolamento”, e se conduzissem “ao grande palco, onde conhecerá o mundo exterior e, desse modo, a si própria, a própria situação e os meios para salvá-la da presente penúria”. Da mesma feita, esses russos iriam dar “ao movimento dos trabalhadores do Ocidente um novo impulso e novas e melhores condições de luta”⁵¹. Uma sociedade reatualizava a outra quando o assunto era a luta socialista contra o capitalismo; e, apesar de não serem proféticos, as bases lançadas por Marx e Engels tomaram força com Trotsky e Lenin a partir de 1905⁵².

Aqui, a ação política e social é baseada na cultura. Conhecer o mundo para conhecer a si mesmo. Trocar experiências, por meio da economia, do mercado, que levaria a transformações de suas fundamentações produtivas. Dali, (re)pensar novas características de trabalho, de convivência social para – em sua volta dialética – usufruir dos meios de produção a partir de um modo de produção que não exija a exploração do homem pelo homem.

Alguns leitores podem terminar essas linhas e sentir um tom maldoso ao virem o autor desse ensaio criticar intelectuais e historiadores brasileiros pela falta de leitura de textos de Marx que eles sequer conheceram. Ora, nada mais falacioso. Os raciocínios de Marx e Engels são conhecidos desde suas vidas a partir de obras publicadas em seu tempo (*Manifesto do Partido Comunista*; *Miséria da filosofia*; *Sobre a questão judaica*; *A sagrada família*; *A Guerra Civil na França, 18^o brumário de Luis Bonaparte*; *Contribuição à crítica da economia política*; *O Capital*), melhorada com as obras *A Ideologia Alemã* e *Manuscritos Econômico-filosóficos*, e, agora, com os *Grundrisse* e outros manuscritos editados como livros (*Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Empírcuro*, *Os Despossuídos*; *Luta de Classes na Alemanha*; *Luta de Classes na França*; *Luta de Classes na Rússia*,

⁴⁸ ANDERSON, op. cit., 2019, p. 26.

⁴⁹ PAULO NETTO, op. cit., 2011, p. 23.

⁵⁰ WILSON, Edmund. *Rumo à estação Finlândia: escritores e atores da história*. São Paulo. Companhia das Letras, 1986; HOBBSAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁵¹ MARX. ENGELS, op. cit., 2013, p. 142.

⁵² ANDERSON, op. cit., pp. 33-34.

Últimos escritos econômicos). Isso porque se estará falando de Marx. Ao seu lado, Friedrich Engels já era conhecido pela *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, e *Anti-Dühring*. Atualmente suas novas obras pouco ou nada conhecidas aparecem, como *Sobre a questão da moradia*, *O socialismo jurídico*⁵³, e *A dialética da natureza*⁵⁴. Em todas elas, umas com mais força e outras menos, vê-se o rigor metodológico de Marx e Engels apresentado nesse texto, reforçando, assim, minha constatação de que ambos os revolucionários, ao inaugurarem uma maneira de ver e trabalhar com a ciência da História, o fizeram com responsabilidade, rigor e honestidade intelectual, tornando-se base de todo um fazer-se da escrita da história no século XX⁵⁵.

É ingenuidade acreditar que os comentários contra Marx e Engels, qualificando-os como ingênuos, utópicos ou idealistas (mas um Capitalismo mais “bonzinho”, ecológico e igualitário pode ser considerado racional, científico e prático?), irão desaparecer. Mas, no sentido da ciência da História, continuarem acusando-os de teleológicos, dogmáticos, economicistas, eurocêtricos, e de “só saberem” sobre o século XIX, torna-se cada vez mais difícil de sustentar.

Isto é, pode-se não mais concordar em aplicar os planos políticos de Marx e Engels ao moderno proletariado ou aos trabalhadores rurais pelo mundo afora. Nem que a revolução tenha que esperar por mais introduções do “Capitalismo” para poder se criar vias para a revolução econômica-cultural socialista. Nem que o mundo tenha que empurrar primeiro a Europa para depois voltar a seu país natal⁵⁶. Se Marx e Engels – ao registrarem em 1882 o prefácio da edição Russa do Manifesto – já tinham consciência das mudanças daqueles prefácios escritos desde a primeira publicação (1848) – e Engels já problematizava o que tinha sido escrito em 1882, visto do ano de 1894 – por que nós, cientistas sociais de 2020, deveríamos parar com tal tradição dialética? Que se respeite e continue sendo levada adiante fundamentações da ciência da História baseada no materialismo-histórico, em consonância e debates profícuos com outras linhas teórico-metodológicas⁵⁷.

Artigo recebido em 3.1.2020

Aprovado em 2.3.2020

⁵³ Estou me baseando aqui nos livros editados pela Editora Boitempo, a mesma que lançou o “*Luta de classes na Rússia*”.

⁵⁴ Editada no Brasil pela Editora Paz e Terra.

⁵⁵ Antonio Gramsci, no primeiro volume dos “Cadernos do Cárcere”, também dá atenção aos escritos “históricos” de Marx e Engels. Por sua vez, José D’Assunção Barros, no terceiro volume de sua série, cita autores (como Josep Fontana) que trabalharam com os escritos “históricos” de Marx e Engels (bem como suas cartas, inclusive as sobre a Rússia) e chamaram a atenção de uma literatura “marxiana”.

⁵⁶ LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 4. ed., ampl. São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2016.

⁵⁷ Essa pesquisa contou com financiamento de bolsa de Doutorado CAPES. O autor agradece o incentivo para redação do texto a Anne Karolline Campos Mendonça e Alexander Moreira Campos.